

Sujeitos desamparados ou à margem: análise da identidade do “outro” na editoria Mundo da Folha de S. Paulo

Helpless or marginalized subjects: analysis of other’s identity in Folha de S. Paulo World section

Camila Freitas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo:

Neste artigo vamos analisar como a identidade do “outro” percebido como um sujeito desamparado ou à margem é construída na narrativa jornalística da editoria Mundo da *Folha de S. Paulo*. Para isso, investigaremos oito textos veiculados pelo jornal, em 2015, levando em consideração a relação entre sujeitos-narradores e sujeitos-personagens. Utilizamos como procedimento a análise de narrativa, que nos auxiliou a identificar o uso das categorias particular, universal e singular nas matérias, assim como nos possibilitou tecer considerações sobre o fenômeno da alteridade e o modo de existência (outridade) dos sujeitos-personagens narrados.

Abstract:

This paper analyzes how the identity of the “other” perceived as a destitute or marginalized subject is constructed in *Folha de S. Paulo*'s World section. We worked with eight texts published by the newspaper in 2015, taking into account the relationship between narrators and characters. The methodology employed was Narrative Analysis, which helped us to identify the uses of particular, universal and singular categories, as well as allowed us to make considerations about the phenomenon of alterity and about the characters' modes of existence.

Palavras-chave

outro; identidade, *Folha de S. Paulo*; jornalismo internacional; alteridade.

Keywords

other; identity, *Folha de S. Paulo*; international journalism; alterity.

Introdução

A condição humana é o que universaliza as pessoas, identificando-as como “iguais” em um mundo integralmente plural. Ao voltar-se para si mesma, uma pessoa pode encontrar a sua encruzilhada: descobre-se singular, por ser única e por possuir características que lhe são próprias, mas, ao mesmo tempo, percebe que há algo de particular em si, por fazer parte de determinada cultura, religião ou etnia distinta da de outras. É, então, na busca do reconhecimento de si pelos outros que cada pessoa reivindica a existência de sua identidade. E por depender de uma ação subjetiva, esse reconhecimento coloca o “eu” e o “outro” em relação, que pode ser entendida como condição primeira à alteridade. Para tratar de alteridade e, conseqüentemente, de outridade nos amparamos na perspectiva fenomenológica¹ (Husserl, 1982; Lévinas, 1971, 1982, 1987; Merleau-Ponty, 2011), a qual articula o ser e o mundo “pela descrição da experiência física e consciente do sujeito em relação aos fenômenos que se manifestam no meio em que ele vive” (Freitas; Benetti, 2017, p.12). Diante disso, reiteramos que o mundo da vida é o lugar das experiências e da coexistência entre sujeitos, seres, entes e coisas.

A noção de coexistência ultrapassa a individualidade própria do ser, expondo-o como sujeito relacional, e o transforma em um ser no mundo com o outro. Assim, pela percepção de um sujeito por outro, cada subjetividade se manifesta como um fenômeno aberto ao conhecimento (FREITAS; BENETTI, 2017, p.14).

1 Achamos necessário trabalhar com a fenomenologia por acreditar que ela nos permite tartar do tema abordado nesse artigo com mais profundidade, contribuindo, ainda, para uma reflexão sobre os seres em situação no mundo vivido, de forma que a percepção desse mundo e do que há nele é conformada por experiências solitárias e coletivas, considerando a possibilidade de interpretar e descrever os fenômenos que são percebidos pelos sujeitos coexistentes, a fim de esclarecer e firmar verdades particulares sobre o mundo em que vivemos.

Quando a intersubjetividade se revela, põe em evidência a dialética do “eu” e do “outro”. Para que esse encontro não seja reducionista, ambos devem ser preservados em sua facticidade, sendo necessário que haja, “além da perspectiva do Para Si – minha visão sobre mim e a visão do outro sobre ele mesmo –, uma perspectiva do Para Outro – minha visão sobre o Outro e a visão do Outro sobre mim” (Merleau-Ponty, 2011, p. 8). Sabemos que é enquanto corpo que o “outro” se desvela para o “eu” e vice-versa, pois não há a possibilidade de acessar diretamente a consciência do “outro” e, dessa forma, o para si (ou o si-mesmo) passa a ser uma incógnita para aquele que o observa do exterior. É nesse sentido que o “outro” deve ser preservado como uma verdade tanto para si próprio quanto para aquele diante do qual se manifesta.

Assim, é pela percepção – de si mesmo e do outro – que se chega a compreensão da alteridade na perspectiva fenomenológica, considerando a inscrição temporal, que demarca o momento da coexistência entre sujeitos e as coisas mundanas. Justificamos, então, que no mundo vivido, a alteridade será sempre um pressuposto e, portanto, um fenômeno percebido. E é justamente o fenômeno do “outro” manifestado e apreendido pelo “eu” que conforma, na maioria das vezes, a percepção que se pode ter sobre o primeiro. A partir da alteridade, que entendemos ser uma premissa da diversidade do mundo, os sujeitos encarnados (pessoas) buscam perceber uns aos outros, a fim de apreender a singularidade de cada um que não o “eu”, mesmo que o conhecimento absoluto intersubjetivo seja um feito inalcançável, pois sempre haverá algo que nos escapa nesse encontro perceptivo. Assim, se a alteridade é compreendida aqui como o fenômeno que envolve o “eu” e o “outro” numa relação de interdependência no mundo, o que explica o modo de existência desse “outro”

para o “eu”, nesse mesmo meio, é a outridade² – aspecto que preserva as qualidades particulares de um sujeito e sua forma genuína de existência, ou seja, seu modo singular de ser, agir e sentir.

O movimento perceptivo que tem a alteridade como pressuposto se sustenta tanto pela convivência quanto pelas transformações culturais, históricas, temporais e contextuais. Assim, o diálogo e a comunicação também se apresentam como uma possibilidade ao reconhecimento intersubjetivo, numa tentativa de que os sujeitos se tornem visíveis uns para os outros, o que se reflete tanto na busca destes por um espaço na sociedade, quanto na possibilidade de terem seus direitos e modos de existência legitimados.

Se no mundo da vida a pluralidade é premissa da condição humana, acreditamos que no mundo do texto essa situação se complexifique. No caso do jornalismo, atividade que articula o mundo da vida com o mundo do texto, a relação está baseada, normalmente, na percepção e na experiência do “eu-jornalista/jornal” frente aos “outros-fontes-sujeitos” – dinâmica que tem por finalidade explicar narrativamente, pela descrição e mimetização, o modo de existência dos sujeitos percebidos.

Esse esclarecimento é o nosso ponto de partida para refletir sobre o que acreditamos ser uma das encruzilhadas do jornalismo: produzir conhecimento sobre a diversidade humana (Karam, 1997), dando atenção às distintas realidades, assim como aos múltiplos sujeitos que a elas pertencem.

Neste artigo, vamos analisar como a identidade do “outro” é construída na narrativa da editoria Mundo da *Folha de S. Paulo*. Escolhemos esse

2 Numa amplitude da perspectiva da qual estamos tratando, entendemos que o conceito de outridade: a) explicita o modo de existência genuíno e singular do “outro” para o “eu” no mundo; b) possui tanto os aspectos da semelhança quanto os da diferença; c) promove uma tensão que não resulta em equilíbrio, mas no balanço entre o que é diferente e o que é semelhante, a cada vez que o “eu” e o “outro” se percebem e d) pode ser plena ou relativa (FREITAS, 2017).

objeto por dois motivos. Primeiro, pela *Folha* ser conhecida como um jornal de referência, com ampla circulação no Brasil e visibilidade no exterior. Segundo, por acreditarmos que a editoria Mundo, ao narrar os principais acontecimentos internacionais, também estaria interessada em promover o conhecimento de culturas, sujeitos e identidades que se localizam geograficamente fora do território nacional, podendo apresentar “outros” próximos, semelhantes, diferentes ou distantes para os brasileiros.

Selecionamos, portanto, 8 textos informativos³, publicados pela *Folha* em 2015, que nos permitiram identificar, pela descrição do contexto e das características dos personagens, como a editoria Mundo constrói pela narrativa a identidade do “outro” percebido na condição de sujeito desamparado ou à margem.

Tendo em conta a relação entre sujeitos-narradores e sujeitos-personagens, utilizamos como procedimento a análise de narrativa (Motta, 2008; 2013), que pela técnica hermenêutica nos permite conhecer e revelar a dinâmica de construção dos relatos e fatos jornalísticos, enfatizando não só o que é estrutural à interioridade do texto (personagem, narrador, discurso, marcadores temporais e espaciais, por exemplo), mas o que lhe é exterior (contexto situacional, histórico, cultural e ideológico). A

3 Esse recorte é parte do corpus de uma pesquisa mais ampla, que analisou de forma qualitativa 32 textos informativos da editoria Mundo da *Folha*, que foram publicados na versão impressa do jornal, no período de 1º de janeiro a 28 de abril de 2015. No estudo, seis tipologias de sujeitos construídos pela *Folha* foram identificadas, as quais organizaram o “outro” narrado em a) transgressor e inconformado com sua condição particular; b) desamparado ou à margem; c) ameaçador, violento ou radical; d) fenômeno da natureza, e) sobrevivente e f) ligado ao passado histórico. Optamos por tratar neste artigo somente da tipologia do “sujeito desamparado ou à margem”, por entender que, entre as demais, esta foi a que deu conta de evidenciar, com mais expressividade, as disparidades étnicas, culturais, religiosas socioeconômicas e de gênero dos sujeitos-personagens narrados e construídos na narrativa da *Folha*. Dessa forma, o corpus selecionado (no caso, os oito textos da referida tipologia) contribuí, também, para percebermos como o jornalismo estrutura em seus produtos noticiosos as categorias particular, singular e universal.

análise revela aspectos interessantes sobre cada sujeito-personagem e ainda nos possibilita traçar considerações sobre alteridade e modo de existência (outridade), quando trabalhados pela seção Mundo da *Folha*.

Breve reflexão sobre jornalismo

Os textos jornalísticos, a partir da condição representativa da realidade, mobilizam uma série de significados cultural e socialmente inscritos, que revelam o que já é conhecido, mas também promovem uma perspectiva diferente sobre aquilo que narram, oferecendo um mundo novo, ou seja, uma realidade essencialmente construída por essa atividade. É claro que os constrangimentos organizacionais, a estrutura do *lead*, a ideologia da instituição e a subjetividade do repórter vão se aglutinar no resultado dessa criação e nos efeitos que ela produz na sociedade (Tuchman, 1978; Meditsch, 2004; Traquina, 2012). Portanto, os produtos jornalísticos, por circularem no meio em que as pessoas compartilham suas vivências, assumem um papel relevante na produção do conhecimento que se pode ter sobre o mundo.

O aspecto principal do jornalismo como gênero capaz de gerar conhecimento, “é a apropriação do real pela via da *singularidade*, ou seja, pela reconstituição da integridade de sua dimensão fenomênica” (Genro Filho, 1987, p. 58, grifo do autor). Isso quer dizer que o jornalismo tem a imediaticidade como lugar de chegada e não como um lugar de onde se deve partir. A imediaticidade é:

o resultado de todo um processo técnico e racional que envolve uma reprodução simbólica. Os fenômenos são reconstruídos através das diversas linguagens possíveis ao jornalismo em cada veículo. Consequentemente, não podemos falar de uma correspondência de funções entre o jornalismo e a percepção individual, mas sim de uma “simulação” dessa correspondência. É a partir dessa simulação

que surge propriamente um gênero de conhecimento (GENRO FILHO, 1987, p. 58).

A simulação da qual trata o autor (ou mimetização, como preferimos chamá-la) é o que determina que o imediato será sempre mediado no jornalismo e, por consequência, os fatos – no caso, jornalísticos – não serão totalmente objetivos. Nessa lógica, o conhecimento produzido pelo jornalismo oferece uma “reprodução dos acontecimentos a partir da reconstituição fenomênica e singular, como algo que estivesse sendo imediatamente vivido” (Genro Filho, 1987, p. 128). Isso é o que torna único o fato jornalístico e o que centraliza o conhecimento dessa atividade nas categorias do singular, do particular e do universal⁴.

O singular abarca os aspectos próprios do fenômeno percebido, podendo diferenciá-lo dos demais e lhe garantir unicidade. É a matéria-prima das informações noticiadas. A urgência na captação do singular é um tanto quanto crítica, porque a singularidade é, até certo ponto, “a realidade transbordando do conceito, a realidade se recriando e se diferenciando de si mesma” (Genro Filho, 1987, p. 212), pois a realidade resultante desse processo é a jornalística. Por exemplo, se considerarmos a estrutura do *lead*, que organiza a notícia a partir da singularidade, entenderemos também que o singular depende da forma que o jornalismo assume para narrar a vida cotidiana ou os fenômenos que constituem um fato. A organização parte do mais relevante ao geral, situando o que se está narrando em um contexto particular – que não é único, mas ajuda a delinear algumas características do fato. Aqui, o universal estaria no “horizonte da notícia, como forma de enquadramento e de direcionamento do texto” (Pontes, 2015, p. 24), muitas vezes, legitimando

4 Essas categorias são adaptadas por Genro Filho (1987) a partir dos trabalhos filosóficos de György Lukács e Georg Hegel. Elas também contribuem para diferenciar o conhecimento do jornalismo dos da arte, da história e da ciência.

valores predominantes do contexto e tendendo a generalizações ou reduções.

Assim, as três categorias representam dimensões do mundo percebido e experienciado, e estão articuladas na produção jornalística de modo relacional, em que cada uma é parte integrante da outra. Não podemos ignorar que, como intérprete e mediador do mundo vivido, "o jornalista possui um papel social institucionalizado e legitimado na transmissão do saber cotidiano e age como tradutor do saber dos especialistas para o grande público" (Alsina, 2009, p. 269). É diante dessa atividade de produzir um conhecimento compreensível para a maioria que os jornalistas vão trabalhar com o singular, o particular e o universal, adaptando os acontecimentos tanto aos padrões culturalmente aceitos pela audiência, quanto às interpretações consensuais ou hegemônicas (Alsina, 2009), mas podendo, em uma ação transgressora, romper com ambas.

A partir da reconstrução que o jornalismo faz do mundo é que se pode conhecer versões das realidades e os sujeitos que as integram. Fica claro que a realidade não só é conhecida, produzida, significada e vivenciada por meio da sociabilidade, mas construída pela percepção que cada um tem dela e daqueles que nela coexistem. Assim, a multiplicidade de sujeitos, de culturas e de identidades interfere na configuração de realidades diversas, que pela interpretação adquirem significados. Com essa ação interpretativa, agenciam-se modos de ver a vida – movimento seletivo que faz com que alguns sujeitos se tornem perceptíveis, enquanto outros sejam destinados ao apagamento. O tornar visível tem reflexos tanto no fenômeno da alteridade, quanto na estrutura do conhecimento, o que permite desmistificar a noção de que a realidade é naturalmente o que parece ser, além de assegurar que qualquer escolha é resultado de uma mediação subjetiva – refletindo na forma que se deseja apresentar o "outro" no texto jornalístico.

Jornalismo internacional

Ultrapassando a nomenclatura autoexplicativa, o jornalismo internacional é modalidade que possui características peculiares e pode ser compreendida como uma área ou uma especialização jornalística que, centrada em demarcações territoriais, históricas, identitárias, econômicas, políticas e culturais, busca noticiar os principais assuntos e fatos de uma região do mundo.

Uma das características da editoria internacional é o "dialogismo constante entre proximidade e distanciamento, entre *identificação e alteridade*" (Aguiar, 2008, p. 37, grifo nosso). Essa dinâmica enfatiza a correlação e a "percepção de lugares bem demarcados entre o 'aqui', o nacional, e o 'lá fora', o internacional" (Bomfim, 2011, p. 47). Nesse sentido, é estabelecida frente à alteridade "uma separação muito clara entre o 'nós' e o 'eles', ou entre o 'eu' e o 'outro'" (Bomfim, 2011, p. 48).

Ainda na concepção de Bomfim (2011), o jornalismo internacional, por estar interessado em narrar acontecimentos do exterior, pode acionar tipificações na tentativa de aproximar ou de comparar culturas, identidades e locais. Essa atitude, aliada às visões eurocêntrica e etnocêntrica, promovem representações que podem tender ao reducionismo. O que se apresenta é a reificação do sujeito e de suas particularidades. Frente ao etnocentrismo, alguns discursos sustentados no poder social, mesmo quando de forma implícita, podem instigar xenofobia ou racismo, por exemplo. Na mesma lógica, o eurocentrismo é encarado "como uma doutrina que tem papel de normatizar, por meio da associação de valores e crenças teoricamente 'incontestáveis', o que denominamos como civilização ocidental" (Bomfim, 2015, p. 94). Além disso, as referências pré-construídas socialmente, quando acionadas pelo jornalismo, antecipam o conhecimento sobre a outridade e, geralmente, manifestam a intenção de afastar o "outro" diferente (o não fa-

miliar ou o exótico), legitimando a superioridade nacional (familiar, semelhante e próximo). É diante disso que a distinção entre “nós” e “eles”, bastante demarcada nos textos informativos, pode fomentar o que é imaginado ou representado em relação ao modo de existência de um sujeito, salientando a perspectiva hegemônica das diferentes dinâmicas sociais e políticas do cenário mundial (Bomfim, 2011, 2015).

Entendemos que o jornalismo internacional feito no Brasil, quando publica reportagens e outros textos sobre a realidade que lhe é exterior, atua com a multiplicidade e a diferença. Os produtos que se originam dessa especialização jornalística são tidos como “um espaço no qual se relacionam e se entrelaçam diversos discursos e representações” (Bomfim, 2015, p. 100). Podemos dizer que, nessa dinâmica, a alteridade e o

reconhecimento da outridade são – ou deveriam ser – uma premissa do jornalismo internacional.

Estrutura da análise

A presente análise é guiada pelo pressuposto de que a alteridade é um fenômeno percebido socialmente e de que ela se manifesta por meio de uma relação motivada por experiências intersubjetivas (Merleau-Ponty, 2011; Treanor, 2006; Schütz, 1973) – no caso, aqui, entre “eu-jornalista/jornal” (sujeito-narrador) e “outros-fontes-sujeitos” (sujeito-narrado). Escolhemos 8 textos (Tabela 1) para entender como é realizada a construção da identidade do “outro” como sujeito desamparado ou à margem na editoria Mundo da *Folha*.

Tabela 1: Relação de textos analisados.

Texto (T)	Título	Publicação
01	Área de facção no Iraque vive ‘pré-história’	13/02/2015
02	Ex-escravas relatam rotina de horror no EI	09/02/2015
03	ONU investiga genocídio contra minoria	09/02/2015
04	Gana abriga maior lixão de eletrônicos da África	04/01/2015
05	Fantasia cubana	04/01/2015
06	Consulado no Haiti enfrenta demanda alta e falta de verba	26/04/2015
07	Haitianos buscam trazer suas famílias para o Brasil	26/04/2015
08	Berlim instala refugiados em contêineres	20/03/2015

Fonte: autoria própria.

Nos centramos nos planos da narrativa e do personagem. Procuramos identificar na diegese desses textos três itens: **a) posição do sujeito-narrador** – heterodiegético, homodiegético ou autodiegético⁵; podendo ser a *Folha de S. Paulo*

5 Simplificando: heterodiegético: narrador não faz parte da história como personagem; homodiegético: narrador é testemunha da história narrada (personagem secundário ou observador, mas não protagonista); autodiegético: narrador da própria história e personagem principal (GENETTE, 1995).

(jornal), o repórter (por exemplo, enviado, correspondente ou colaborador) ou a fonte (normalmente, o personagem principal); **b) o tipo de discurso** (direto, indireto ou quando os dois tipos são utilizados) e **c) os sujeitos-personagens** – principais ou contextuais. Buscamos, no âmbito da construção do personagem, descrever como o “outro” é percebido e narrado pelo “eu-jornalista/jornal”. Nos amparamos na identificação: a) **dos designantes**:

termos ou expressões que caracterizam o fazer, o ser e o sentir do “outro”; b) **da relação**: apresentando-o como próximo, familiar, semelhante ou, então, distante, estranho e diferente; c) **da visibilidade**: se é reconhecido em sua particularidade ou se é reduzido à generalização e d) **da intenção**: em que o reconhecimento mobiliza ou depende de ações afetivas – empatia, simpatia e compaixão.

“Outro” como sujeito desamparado ou à margem

Com ênfase no Iraque, no Haiti, em Gana, em Cuba e na Alemanha, uma série de textos deu origem à narrativa dos sujeitos que se encontram marginalizados ou desamparados socialmente. Eles variam entre matérias de enviado especial (T01, T02, T03, T05, T6 e T7) e de colaborador (T04 e T08). No plano da diegese, nos oito textos desse grupo o narrador é o próprio repórter, o nível de narração é heterodiegética e o discurso é direto e indireto. Isso quer dizer que a fonte-personagem é apresentada pelo repórter e sua voz fica evidente pelo uso de citações diretas ao longo da matéria. Pelos trechos-exemplos a seguir, vemos a posição do narrador e os tipos de discursos:

“Mal temos água, luz ou comida; a cidade está na era pré-histórica”, disse à *Folha* um historiador que vive em Mossul e mantém um blog sobre a vida sob o EI [...]. Por medo de represálias dos islamitas, ele não se identifica, e deu entrevista por e-mail ao longo de dois meses, porque precisa circular pela cidade para conseguir sinal de celular. (T01)

Elas são mantidas como escravas sexuais, “esposas” ou servas de integrantes do EI na região de Mossul, no Iraque, e em Raqqa, na Síria, as “capitais” da facção terrorista. (T02)

Para as que escaparam, as perspectivas são sombrias. “Nós nunca mais vamos voltar para

casa, mesmo que derrotem o EI. Não podemos mais confiar nos nossos vizinhos árabes que nos apoiaram”, diz Sanaa. (T02)

“Queimo cabos para extrair o cobre”, diz o rapaz, arrumando sua boina descolorida pela fumaça. Ele é Abdulrahim, 25, e passou os últimos dez anos derretendo cabos em Agbogbloshie, um bairro de Acra, a capital de Gana, que nos últimos anos se converteu no maior lixão de resíduos eletrônicos da África. (T04)

Nelia é leiga em política, mas entende que o pacto pode beneficiá-la. “Quanto mais turistas, melhor”, diz a moça, que trabalha no Malecón, o calçadão à beira-mar em Havana. (T05)

Nesses oito textos, os “tipos” de personagens em construção pela *Folha* são os muçulmanos oprimidos e marginalizados pelo Estado Islâmico (EI), a minoria yazidi curda massacrada pelo EI, os jovens africanos que arriscam a saúde por trabalho no lixão, as prostitutas cubanas em meio a um acordo que pode afetá-las, os imigrantes haitianos em busca de visto humanitário e os refugiados em situação desumana na Alemanha.

Observamos que o T08 – sobre a integração social e habitacional de refugiados na Alemanha em contêineres – não traz um sujeito singularizado na narrativa. O que ocorre é uma redução das pessoas em processo diaspórico à condição de sujeito-personagem, mas sem identificação individual. Ao longo do texto – enquanto o repórter-narrador (colaborador, em Berlim) faz críticas à configuração do alojamento em massa, a partir do discurso indireto e das citações diretas (de fontes oficiais do governo alemão) –, podemos ter uma noção do sujeito-personagem que a reportagem deseja construir, a partir do uso frequente de adjetivos. Isso é percebido pelos termos “refugiados”, “imigrantes” e “seres humanos”, que qualificam e caracterizam o personagem em questão. Se essa é a visão dos que apoiam as pessoas à margem, por outro lado,

a visão da “oposição” representa o dividido e tumultuado cenário alemão, expondo o antagonista dessa narrativa. Contrário à integração dessas pessoas na Europa, aparece o grupo de extrema direita Patriotas Europeus Contra a Islamização do Ocidente (Pegida), e, a partir dele, os refugiados são mencionados como “gado” ou como “um risco” à população local. Assim, fica clara a visão anti-islã e preconceituosa desse grupo político sobre os muçulmanos no Ocidente, embora a reportagem não deixe clara qual a nacionalidade ou origem das pessoas alojadas nos contêineres. Entendemos que, nesse caso, a alteridade – percebida pela reportagem no plano da vida – não chega a imprimir no texto a outridade, pois o que ocorre na diegese é uma redução do “outro” à condição de sujeito diaspórico, sem expressar, por exemplo, seus modos de ser, agir, falar, sentir ou pensar.

Notamos uma situação semelhante no texto sobre a realidade precária dos habitantes de Mossul (T01). Nele, a fonte que conduz a narrativa é um historiador (sem identificação) que mora na região do Iraque. Entrevistado pela reportagem, ele narra as condições “pré-históricas” da cidade controlada pelo Estado Islâmico. Embora ele seja sujeito-fonte, não é sobre ele, especificamente, que a *Folha* deseja falar. O personagem principal – o “outro” que merece atenção jornalística – é percebido pelo mesmo movimento reducionista explicado acima. O “protagonista” está generalizado na categoria de “povo”, “pessoas”, “moradores”, “minorias” ou “habitantes de Mossul”, sendo o “outro antagonista” e, também, generalizado o Estado Islâmico – pelos designantes “milícia” e “grupo terrorista”. Não conhecemos quem são esses sujeitos singularmente pela narrativa – apesar de o nome de Saddam Hussein (presidente do Iraque entre 1979 e 2003) figurar uma vez no contexto, mas sem o aprofundamento em sua subjetividade. Assim, com esse texto, não temos acesso à outridade dos personagens, apenas sabemos e conhecemos sua etnia, ideologia ou religião – árabes sunitas, curdos,

cristãos, xiitas, turcomanos e yazidis – e o cenário descrito como escasso à subsistência dos reféns do Estado Islâmico. Os trechos da reportagem exemplificam a situação:

Mossul ficou **isolada do mundo exterior** quando o EI cortou as telecomunicações em novembro. Agora, **as pessoas** procuram locais onde há cobertura de celular. **Falta tudo**: comida, roupa, combustível. Mas o caos econômico é o de menos. O **pior é viver sob a interpretação ultraortodoxa da sharia**. (T01)

[...] **nada disso vai derrotar o EI** se não forem equacionadas as questões sectárias que permitiram a expansão do **grupo terrorista**. A **maioria da população do Iraque é xiita**. Quando o **ditador sunita Saddam Hussein** estava no poder, ele reprimia os xiitas. Depois da retirada americana, em 2011, o ex-premiê Nouri al-Maliki, xiita, passou a **perseguir sunitas**. (T01)

Dessa forma, verificamos que a *Folha* privilegiou a alteridade, mostrando uma diferença entre sujeitos baseada em um conflito do Oriente Médio, sem representar a outridade (modo de existência do outro) no texto (T01 e T08). Nos demais (do T02 ao T07), a narrativa é desenvolvida a partir dos “outros” em destaque, como sujeito-personagem-fonte, que têm associado seu modo de existência às seguintes características (Tabela 2).

Tabela 2: Construção do “outro-personagem” desamparado ou à margem

Aspectos Considerados	T02 e T03	T04	T05	T06 e T07
Personagem	Sanaa (principal). Mulher; 21 anos; estudava geografia; escrava sexual; ex-escrava; yazidi; minoria; vive um pesadelo; foi sequestrada; foi vendida; foi estuprada; é vista como um dos “adoradores do diabo” por ser yazidi; monoteísta, tem medo do EI e de voltar para casa; perdeu o ânimo; perdeu a confiança nos árabes; sente-se sozinha; mantém os olhos baixos.	Abdulahim. Africano e muçulmano do norte; jovem; rapaz; 25 anos; reciclador; trabalha no lixão; derrete cabos de cobre há 10 anos; vive da reciclagem; arrisca a vida e a saúde com trabalho com substâncias tóxicas; ajuda a família com a profissão; sente dor no peito; gostaria de poder mudar de trabalho.	Nelia, Beatriz, Yosefin e Yanela. Cubanas; mulheres; jovens; prostitutas de Havana; têm o sonho de sair de Cuba. Nelia: 20 anos, inquilina do quatinho alugado, moça, morena franzina, sozinha e inexperiente; Beatriz: 20 anos, se sente preocupada, tem pânico de autoridade, foi presa, se diverte ao contar suas experiências, tem como propósito de vida casar e ter uma família; Yanela: 24 anos, experiente e divertida, há 8 anos no ramo, para ela alguns turistas são generosos e educados em comparação aos cubanos; Yosefin: 20 anos, jovem e animada.	Abel Marthine (principal). Haitiana, mulher, mãe, imigrante, deseja buscar os filhos, mora no Brasil, estudou, conseguiu emprego como babá e sustenta os filhos no Haiti.
Designantes				
Relação	Distante e diferente.	Distante.	Semelhantes (ao levar em conta a realidade social).	Diferente e próximo.
Visibilidade	Reconhecido em sua particularidade.	Reconhecido em sua particularidade.	Reconhecido em sua particularidade.	Reconhecido em sua particularidade.
Intenção	Mobiliza compaixão e instiga empatia.	Mobiliza compaixão e simpatia.	Mobiliza simpatia.	Mobiliza compaixão.

Fonte: autoria própria.

Para além das informações da tabela acima, reparamos em uma contraposição entre os textos da narrativa sobre os haitianos que desejam migrar para o Brasil. Se por um lado (T07) o drama das famílias do Haiti, que vivem a expectativa do reencontro, é personificado pela figura de Abel Marthine, por outro lado (T06), a realidade daqueles que esperam por um visto humanitário leva em consideração o ponto de vista de Vitor Hugo Irigaray – cônsul brasileiro no país centro-americano e personagem secundário. A partir da rotina de trabalho do cônsul – que, pela *Folha*, soa tão problemática quanto a dos imigrantes –, a reportagem trata dos haitianos no geral, ou seja, sem ser sujeito-fonte, sem nome, sem singularidade. Eles são expostos, nesse caso, pelas citações de Irigaray – este é descrito como um sujeito empenhado em ajudá-los, que se sente exausto com a situação de crise no consulado, que não tem vida social por conta da demanda de trabalho, que se sente perseguido pelos haitianos, mas não foge deles. Na soma das características dispostas nessa reportagem (T06), os haitianos ganham visibilidade, mas são tidos como sujeitos marginalizados, desesperados e como figura totalizada por seus atos, pela condição social e pelo desejo de sair do Haiti.

Ainda no conjunto do “outro” como sujeito desamparado ou à margem, identificamos o uso de recursos da literatura na história trágica da minoria yazidi (T02). De cunho informativo, mas com viés literário, a narrativa, em alguns momentos, se aproxima a de um perfil, guiando o leitor para “dentro” de uma cena específica e que o põe em contato com a personagem principal. Além desse aspecto, o que se distancia do comum – frente às matérias desse eixo – é o tratamento dado à outridade, pois fica evidente a intenção dos enviados especiais da *Folha* em humanizar a vida das mulheres yazidis – grupo religioso curdo, no Iraque – que, constantemente, é invisibilizada. A descrição literária da abertura da reportagem se resume no trecho a seguir:

Sanaa se preparava para almoçar com a família quando eles chegaram em picapes brancas Toyota e Kia. Armados com metralhadoras, **os milicianos do Estado Islâmico gritavam: “Vocês são infiéis, vocês são infiéis”**. (T02)

Fora o recurso da literatura, o texto faz uma crítica ao apagamento e ao esquecimento desses sujeitos em relação a outros que, mundialmente, têm destaque midiático:

Enquanto milhões se horrorizam com cenas do piloto jordaniano queimado vivo e dos jornalistas decapitados pelo EI, **mais de 2.000 mulheres iraquianas continuam vivendo um pesadelo bem longe das câmeras**. (T02)

Ao tornar pública a realidade dessas mulheres, a *Folha* reafirma o “medo” e o “mal” que circundam o imaginário ocidental sobre o Oriente Médio, deixando claro – pela imagem criada do personagem-antagonista, o Estado Islâmico – quem são aqueles “outros” tidos como estranhos, indesejáveis e dos quais se quer manter distância. No entanto, a mesma matéria é capaz de instigar compaixão e uma ação empática no leitor sensível. Isso fica expresso pela dimensão narrativa que ora particulariza ora universaliza o “outro” construído na reportagem – mesmo que, em relação à cultura ocidental, a mulher yazidi seja um “outro” diferente e distante. A mobilização da sensibilidade ocorre, então, pela valorização do personagem-sujeito descrito e mimetizado, expondo as circunstâncias que abarcam um contexto particular (o fato de elas pertencerem a uma minoria iraquiana massacrada pelo Estado Islâmico, a ponto de a ONU investigar se as ações do EI configuram genocídio) e reiterando uma característica universal (o fato de serem seres humanos).

Considerações finais

Ao longo da análise, percebemos que, na dinâmica que relaciona o mundo da vida e o do texto, a construção da identidade do “outro” como sujeito

desamparado ou à margem, na narrativa da editoria Mundo da *Folha de S. Paulo*, dependeu diretamente do contexto ao qual os sujeitos-narrados pertenciam, assim como do tipo de conhecimento e do sentido que a reportagem desejava produzir sobre eles através da ação mimética. Nessa lógica, reconhecemos que a *Folha* deu atenção à diversidade nos 8 textos investigados, apesar de ter feito generalizações de alguns personagens frente a outros. Esses que tiveram a outridade (modos de existência) preservada foram descritos em sua particularidade e singularidade (T02, T03, T04, T05, T06 e T07), o que nos possibilitou confirmar que o jornalismo articula, pelas categorias do singular, do particular e do universal, o conhecimento que produz sobre os fenômenos do mundo.

Verificamos também que, na abrangência dos relacionamentos intersubjetivos, reconhecer o “outro” – pelo texto – em sua situação social ou física, por exemplo, pode estimular ações afetivas. Pela análise, apareceram – explícita ou implicitamente – a empatia, a simpatia e a compaixão.

Nos chamou a atenção o fato de que nem sempre a alteridade era trabalhada com o intuito de mostrar a outridade. Assim, notamos que os textos que privilegiaram somente o fenômeno da alteridade (T01 e T08) se dedicaram a apresentar as relações de contraste entre dois ou mais sujeitos narrados. Como a maioria dos personagens apresentados nos textos era de origem estrangeira em relação ao Brasil, observamos que a nacionalidade foi um dos designantes mais utilizados para a identificação do sujeito-personagem nas matérias. Além de nacionalidade, notamos o uso recorrente de estereótipos.

Concluimos que a construção do “outro” pela atividade jornalística, neste caso, se baseou em um processo bastante complexo, que levou em consideração aspectos da alteridade e da semelhança, além de depender da dinâmica própria que conformou a narrativa jornalística. Por fim, entendemos que a outridade esteve articulada, fundamentalmente, às categorias do singular e do particular,

revelando no texto, pela descrição e mimetização, o modo de existência dos sujeitos-personagens baseado nas características que lhes são genuínas, isto é: o ser, agir, pensar e sentir próprios.

Referências

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo Internacional em Redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOMFIM, Ivan. **O Global Player “Megalonânico”**: a visão do portal Veja sobre a política externa do governo Lula. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2015.

_____. **O Interesse Nacional nas Revistas Carta Capital, Época, Isto É e Veja**: eles y nosotros. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2011.

FREITAS, Camila. **Alteridade e Jornalismo**: a outridade na editoria Mundo da Folha de S. Paulo. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2017.

FREITAS, Camila; BENETTI, Marcia. **Alteridade, Outridade e Jornalismo**: da fenomenologia à narração do modo de existência. *Brazilian Journalism Research*, v. 13, n. 2, p.10-29, 30 ago. 2017. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/989/930>>. Acesso em: 11 maio 2018.

GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do Jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

HUSSERL, Edmund. **Cartesian Meditations**: an introduction to Phenomenology. Boston: Martinus

Nijhoff Publishers, 1982.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalité et Infini: essai sur l'exteriorité**. The Hague: Kluwer Academic, 1971.

_____. **De Otro Modo que Ser, o Más Allá de la Esencia**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1987.

_____. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982.

MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento? In: HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Teoria da Comunicação**: antologia de pesquisadores brasileiros. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PONTES, Felipe Simão. **Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

SCHÜTZ, Alfred. **On Phenomenology and Social Relations**: the heritage of sociology. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque

as notícias são como são. V.1. Florianópolis: Insular, 2012.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**: a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

TREANOR, Brian. **Aspects of Alterity**: Lévinas, Marcel, and the contemporary debate. New York: Fordham University Press, 2006.

Camila Freitas – Mestre em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integra o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo (Nupejor) – UFRGS/CNPq. **E-mail**: freitas.csiqueira@gmail.com

Recebido: 11 dez. 2017

Aprovado: 25 mai. 2018